

Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna

III-IV



BIBLIOTECA |
DE |
**AUTORES
PORTUGUESES**

BIBLIOTECA
DE **AUTORES**
PORtUGUESES

Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna

Título: Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna
Partes Terceira e Quarta
2.^a reimpressão fac-similada da edição
da Imprensa da Universidade, Coimbra, 1928

Autor: D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Orientação gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 300 exemplares

Data de impressão: Julho de 2007

ISBN: 978-972-27-1588-1

Depósito legal: 261 937/07

Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna

III-IV

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

MEMÓRIAS
DO
**Marquês de Fronteira
e d'Alorna**

D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto

DITADAS POR ÈLE PRÓPRIO EM 1861

REVISTAS E COORDENADAS

POR

Ernesto de Campos de Andrada

—
PARTE TERCEIRA E QUARTA

(1824 a 1833)



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1928

ADVERTÊNCIA

Abrange este segundo volume as partes terceira e quarta das Memórias do Marquês de Fronteira e de Alorna (1824 a 1833).

Os primeiros dez capítulos da terceira parte referem-se exclusivamente ao período da sua primeira emigração que vai desde Agosto de 1824 até Novembro de 1826. Os restantes cinco capítulos tratam das suas campanhas liberais, como Ajudante de ordens do Conde de Vila Flor, até ao momento da chegada de D. Miguel a Lisboa (22 de Fevereiro de 1828), data em que o Marquês de Fronteira emigra de novo.

Na quarta parte fala do seu segundo exílio, da expedição aos Açores, regresso ao continente e desembarque na praia do Mindelo, da ocupação e círculo do Pôrto, expedição ao Algarve e marcha sobre Lisboa, terminando com a entrada vitoriosa do Exército Libertador na capital (24 de Julho de 1833).

Nenhum excerto destas duas partes das Memórias foi até hoje publicado.

Devo advertir que o Marquês não as dividiu em capítulos: ditou-as de 1861 a 1863 e quem as escreveu fê-lo ininterruptamente. Pareceu-me, porém, conveniente, para

facilitar a leitura e consulta desta importante obra, dividir o assunto em pequenos capítulos precedidos d'um breve sumário.

Os erros ortográficos, em especial de nomes próprios estrangeiros, se eram freqüentes no primeiro volume, são neste freqüentíssimos; muitos consegui emendar, outros não, e, por isso, alguns nomes têm que se apresentar errados, tais como estão escritos no original, indo precedidos dum asterisco, no índice alfabético, assim como os de identificação duvidosa, à semelhança do que fiz com o primeiro volume.

Tenho o dever de expressar o meu vivo reconhecimento, pelos esclarecimentos que tão amavelmente se dignaram prestar-me e que me foram úteis, a Monsenhor Forni, Auditor da Nunciatura Apostólica, Sign.^r Guglielmo Borrani, Chanceler da Legação de Itália, Sr. Alfonso Fiscowich, Conselheiro da Embaixada de Espanha, Mr. Reginald Perey Ray, Secretário da Embaixada de Inglaterra, e Mr. Eugène Borriaud, Secretário Arquivista da Legação de França

O número e selecção das gravuras não é da minha inteira responsabilidade: foi-me impossível obter algumas, cuja publicação desejava e, além disso, tive que me conformar, nesta matéria, com várias circunstâncias independentes da minha vontade.

Pela cedência de várias gravuras e retratos antigos, cumpre-me agradecer às Ex.^{mas} Senhoras D. Tereza de Saldanha da Gama e Condessa de Ficalho e aos Ex.^{mos} Srs. Condes de Almarjão, da Folgosa e da Tórre, Dr. Alberto Mac-Bride, Carlos da Silva Vieira, Dr. Guilherme Álvéolos, Dr. José Lopes de Oliveira e Manuel Bruges de Oliveira.

Ao Sr. engenheiro Frederico Jorge Oom continuo devendo o favor da bela reprodução fotográfica de tôdas as gravuras desta obra.

S. Domingos de Benfica, 10 de Julho de 1928.

ERNESTO DE CAMPOS DE ANDRADA.

PARTE TERCEIRA

1824 a 1828



A MARQUEZA DE FRONTEIRA, D. MARIA CONSTANÇA

I

O Havre. — Chegada a Paris. — O Hotel Artois. — D. Camillo de los Rios. — Martinez de la Rosa. — Saudades da patria. — A sociedade portugueza em Paris: o Cavalheiro de Brito, D. Francisco de Almeida, Mr. Daupias, Condes de Penafiel e de Linhares, Morgado de Matheus, José Francisco Braamcamp, Condessa da Ega. — O jantar no *Café de Paris*. — O Theatro Francez: Talma e outros grandes artistas. — Scenas tristes representadas pelo Infante D. Miguel em Paris. — Agonia de Luiz XVIII. — Excentricidades do Conde de Linhares. — Targini e o verbo *targinar*. = As assembleias na Legação Portugueza. — Sahida de D. Miguel para Vienna de Austria.

Principio esta terceira parte das recordações da minha vida, narrando o que presenciei, dentro e fora do paiz, desde Setembro de 1824 até Março de 1828, em que emigrei para Inglaterra.

Entrámos, como disse na segunda parte, no porto do Havre e, sendo o primeiro porto de commercio que, tanto eu, como a maior parte dos meus companheiros, viamos, foi para nós uma novidade a segurança em que os navios alli estão nos diferentes canaes, onde nenhum temporal, por mais forte que seja, os incomoda.

O navio que nos transportava ancorou junto ao caes da alfandega, ficando ao nível do mesmo caes, passando-se de bordo para terra, como se fossemos pelas ruas dum jardim e sendo a nossa bagagem conduzida, sem a menor demora, para a alfandega.

O rigor dos exames na alfandega tambem nos admirou, mas foram feitos com toda a delicadeza e rapidez. Fomos introduzidos em diferentes quartos e as senhoras separadas de nós, examinando-nos as algibeiras e o fato differentes empregados, havendo mulheres que procederam a este exame nas senhoras; e, feito elle, reconhecendo-se que não transportavamos objecto algum de contrabando, sahimos, conduzindo-nos alguns creados de hoteis, os quaes eram então, e ainda hoje são, os peores de França,

sendo, como ainda hoje, o chão dos quartos e salas de ladrilho. Apesar d'isto, eram muito superiores a tudo quanto neste genero tinhamos visto em Portugal, exceptuando os hoteis de Cintra e das Caldas da Rainha.

O serviço era muito regularmente feito por creados, a mesa bem servida e a cosinha agradavel, como, em geral, se encontra em todos os pontos da França.

O Havre é a cidade mais insipida e estacionaria de toda a França, apesar do seu grande commercio e movimento e da grande quantidade de navios que alli entram, de todas as nações. Ainda ha cinco annos alli estive e encontrei o Havre como o tinha visto em 1824. O progresso entrou em todos os departamentos da França, menos na cidade do Havre.

O movimento que havia na cidade, os passeios e theatros, as bonitas casas de campo dos suburbios e a continua entrada e sahida das diligencias e carruagens de posta, e dos navios no porto, maravilhou-nos muito, porque nada do que até então tinhamos visto se podia comparar com o que presenceavamos.

O nosso consul Casado Geraldes, antigo Coronel de Milicias na Ilha da Madeira, muito illustrado e instruido e um dos empregados que tinha sido conservado, apesar das suas ideias liberaes, bem conhecido pelas suas obras que publicou, esmerava-se em fazer tudo quanto lhe era possivel para nos tornar agradavel a nossa estada no Havre e facil a nossa viagem para Paris.

Para um individuo que nunca tinha sahido da patria, comparando a capital do seu paiz com uma cidade de terceira ordem da França, fazia-lhe impressão o atrazo em que nos achavamos.

O pouco movimento que, naquelle epoca, havia em Lisboa, estando constantemente quasi deserto o Passeio Publico, encontrando-se apenas alguns frades e militares que passeavam á sombra das bellas arvores que alli havia, o que se notava igualmente em todas as bellas praças da capital, comparado com a concorrenzia extraordinaria dos dois sexos, que se notava nas ruas, passeios e theatros do Havre, surprehendia-nos muito, e principalmente o grande numero de senhoras que, a toda a hora do dia, encontravamos em varias direcções, o que nunca víramos, quer em Lisboa, quer nas cidades da nossa provincia, senão uma vez por anno, quando visitavam as egrejas, em Quinta feira Santa.

Tudo era novidade para nós, principiando pelo culto, pois, apesar de sermos catholicos romanos, a liturgia da Egreja fran-

ceza era então inteiramente diferente da Egreja romana, como ainda acontece nalgumas dioceses.

Assistimos, logo que desembarcámos, a uma missa solemne, porque era um domingo, e o cantoção cantado por todos os assistentes dos dois sexos, com acompanhamento dum bello orgão, inspirava a maior devoção e fez-nos grande impressão.

Recordava-me do Exercito de Junot em Portugal, mas, tendo eu então pouca edade, eram muito confusas as minhas recordações e, por isso, admirei a excellente guarnição do Havre, apesar de eu pertencer a um Exercito que então se podia pôr a par dos bons exercitos da Europa.

As digressões que fizemos, sob a direcção do consul, nos arrabaldes da cidade, muito nos agradaram, tanto pela belleza do paiz, como pelas elegantes casas de campo, onde o corpo do commercio costumava passar a estação calmosa.

Preparavamo-nos para a viagem de Paris, que se fazia numa grande diligencia que levava no interior e na imperial umas vinte pessoas com as suas bagagens, indo puxada a seis cavallos, com um cocheiro e conductor que, a todo o momento, davam gritos que pareciam de animaes selvagens, gastando dois dias e uma noite na viagem, em consequencia das más estradas, que, com tudo, eram muito superiores ás do nosso paiz.

Hoje é insupportavel, em toda a parte do mundo civilisado, semelhante maneira de viajar; com tudo, naquelle epoca, ella maravilhou-nos, porque a comparavamos com os meios de transporte que tinhamos em Portugal. Admirava-nos o commodo das carruagens, o estado dos caminhos e a rapidez da viagem. Mal pensava eu, então, que, annos depois, faria a mesma viagem, em seis horas, pelo caminho de ferro, com muito maior commodidade!

Todos nós, portuguezes, que chegámos ao Havre naquelle occasião, nos achavamos na posição em que se vê um cavalheiro de Melgaço, Bragança, Monção, ou do interior do paiz, que, pela primeira vez, veiu a Lisboa. Eramos todos duma polidez que espantava os franceses, tirando o chapeu, o mais fora de propósito, persuadindo-nos de que todos nos conheciam e sabiam os nossos titulos e nomes, formando uma ideia tão falsa do que era a França e Paris, que Luiz de Noronha e Francisco de Saldanha, hoje Conde da Azinhaga, addidos; um em Vienna e outro em Berlim, não quizeram ser nossos companheiros na mesma diligencia, dizendo que o General Sepulveda tinha sido o chefe da

revolução constitucional em Portugal e que, chegando a Paris, indo com elle na diligencia, se podiam comprometter, porque logo alli havia de constar a nossa chegada, supondo que Paris era Lisboa, onde ninguem chegava, vindo de fora do reino, que não fosse motivo para muitos dias de conversação.

Partimos do Havre e, atravessando a bella Normandia, um dos departamentos mais ricos, pittorescos e cultivados da bella França, pouco nos demorámos na antiga cidade de Ruão, tendo, comtudo, tempo para admirar a velha cathedral.

Surprehendeu-nos, ao aproximarmo-nos de Paris, o grande numero de diligencias, carruagens e forgões, e as carruagens particulares que viajavam pela posta, precedidas dos seus correios elegantemente vestidos e que se cruzavam em todos os pontos.

Entrámos pela *Barrière de l'Étoile*, numa noite bella e serena, atravessando os Campos Elyseos, que, naquelle estação do anno, estavam illuminados e com uma concorrência enorme de passeantes que gozam os diferentes divertimentos populares que alli se encontram, e a bella Praça de Luiz XV, hoje da Concordia, parando na estação da diligencia que nos conduzia.

Fomos logo, em varias carruagens, para o excellente Hotel Artois, Rue d'Artois, hoje Rue Laffitte, *boulevard* dos Italianos.

Uma parte dos individuos que lerem estas memorias terão visto Paris e podem julgar da impressão que sentiríamos, eu e minha mulher, que apenas tínhamos vinte e dois annos e que nada tínhamos visto melhor do que Lisboa, ao atravessar aquelle *boulevard* numa bella noite de Setembro e ao entrar no grandioso Hotel Artois.

Alojámo-nos com toda a facilidade, eu e minha mulher e o meu cunhado José da Camara; e o meu bom companheiro e amigo, General Sepulveda, foi residir para uma pensão que lhe tinham inculcado economicamente, mas sem que lhe faltasse coisa alguma para commodidade da vida.

O cansaço da viagem fez com que preferissemos o descanso a tudo, mas, apesar d'elle, o sussurro e o movimento continuo da grande capital da França, a que não estávamos acostumados, interrompia, a todo o momento, o nosso sonno.

Logo que nos levantámos, trouxeram-nos um excellente almoço, vindo dum *café* que estava então onde hoje existe, no mesmo pateo do famoso hotel, o bem conhecido *Café Holtredy*.

Acabado o excellente almoço, porque, em Paris, nunca se almoça nem janta mal, estando eu na nossa pequenina sala á espera de minha mulher, para principiarmos as nossas digressões, com a porta meia aberta, entrou um lindo cãosinho que me veiu fazer immensas festas, e, olhando para a porta, vi uma respeitavel cabeça, cheia de cabellos brancos, que espreitava; puz-me de pé para verificar quem era e, quando me dirigi para a porta, abriu-se então e vejo um ancião com ar distinto, sem lenço no pescoço e com um bello *robe-de-chambre* de seda de Leão, perguntando em hespanhol se o Marquez de Fronteira, que residia naquelle quarto, era o pae ou o filho. Respondendo-lhe que só havia um, porque o Marquez, pae do existente, tinha falecido, replicou-me elle: *Onde está o D. José? quero abraçá-lo; não sabia que tinha perdido seu pae.*

Disse-lhe que era eu, e então abraçou-me affectuosamente, declarando-me que tinha assistido á festa do meu baptisado e que tinha sido grande amigo de meu Pae e parentes. Soube, por elle, que era D. Camillo de los Rios, irmão do Conde de Fernan-Nuñez, o qual tinha começado a sua carreira diplomatica em Lisboa, como addido á Embaixada de Hespanha; era então Ministro da Hespanha na Corte de Vienna e morava no hotel em que estávamos.

E foi quando lhe paguei a visita que tive o gosto de ver, pela primeira vez, o celebre Martinez de la Rosa, que, por muitos annos, me honrou com a sua amizade e de quem nós, os liberaes monarchicos, sentimos a perda que teve logar ainda ha pouco. Foram os dois primeiros estrangeiros que conheci na minha chegada a Paris.

Entrámos numa carruagem de aluguer, muito elegante, como havia poucas em Lisboa, mesmo nas grandes casas, e fomos admirar a bella capital do mundo civilisado, percorrendo-a em varias direcções.

Seria absurdo e enfadonho, da minha parte, fazer a descripção de Paris, quer daquella epoca, quer da actual, pois que não ha ninguem que não conheça Paris, ou por a ter visitado, ou por ter lido as suas descripções, e só direi que tudo quanto viamos nos impressionava agradavelmente.

As saudades da mãe, da filha e dos irmãos vinham atormentar-nos no meio dos nossos prazeres, tormento que mal podíamos mitigar, pela grande demora e dificuldade nas noticias, sendo

preciso um mez, pelo menos, para termos resposta de qualquer carta, ou fosse por via de Inglaterra ou por Hespanha.

Tratámos logo de nos apresentar ao nosso Ministro e de visitar a colonia portugueza que não deixava de ser então numerosa, tendo nós nella alguns parentes.

Darei uma ideia da sociedade portugueza em Paris em 1824.

Tinhamos por Ministro um homem illustrado, o Cavalheiro de Brito, com perto de setenta annos de edade e mais de cincuenta de serviço, tendo abandonado a patria pouco antes da Revolução franceza e não voltando mais a ella. Tinha sido, por muito tempo, Secretario de legação de Antonio de Araujo e Azevedo, Conde da Barca, e tinha partilhado a sua triste sorte, sendo encarcerado no Templo pela Convenção Nacional: havia herdado do seu chefe mobilia, creados e, inclusive, M.^{me} Cappadocci, antiga bella do Conde da Barca, a qual, apesar dos seus sessenta e tantos annos, ainda fazia as delicias do nosso representante. Residia no segundo andar dum grande palacio, na Rue de St. Florentin e, quando lhe fomos apresentados, eu e meu cunhado, a sua residencia fez-nos lembrar a residencia, em Portugal, dum alto funcionario do Estado. Apesar da sua longa ausencia da patria, em nada tinha perdido os costumes do paiz em que nasceu.

O Secretario da Legação era D. Francisco de Almeida, hoje Conde do Lavradio, que apenas tinha vinte e sete annos de edade. Addidos eram o famoso poeta Alpoim, de quem já fallei e que tinha renegado completamente as suas ideias liberaes para professar as ultra-realistas, sendo um agente da Rainha Carlota, e o bacharel Candido, um individuo dos mais originaes que tenho conhecido e de quem fallarei muitas vezes. O nosso Consul Geral era o meu excellente amigo, Mr. Daupias, hoje Visconde de Alcochete.

O Infante D. Miguel, com a sua pequena Côrte, habitava o Hotel Maurice, escandalisando, com a sua conducta, a Côrte de França e abrindo a cova ao seu honrado Camarista, Conde de Rio Maior, e ao nosso representante, para a morte dos quaes não pouco contribuiu o mal educado Infante.

Os nossos parentes, Condes de Penafiel, casados havia pouco tempo, tinham alli a sua residencia.

Os Condes de Linhares, que tinham chegado de Turim, onde o Conde fôra Ministro Plenipotenciaro e demittido pelo Governo Constitucional, habitavam um bello andar sobre os *boulevards*.

D. José de Sousa, Morgado de Matheus, pae do primeiro Conde de Villa Real e que, tendo sido nosso representante em diferentes Côrtes, estava estabelecido em Paris havia muitos annos, habitava uma casa propria na rua de Vieux-l'Évêque e tinha casado, pela segunda vez, com a viuva do infeliz Conde de Flahaut, que tinha sido guilhotinado no tempo da Revolução, a qual é bem conhecida pelos seus romances e passava em Paris, naquelle epoca, por uma senhora de grande espirito. Apenas conheci este cavalheiro, podendo dizer que lhe fui assistir ao enterro: falleceu poucos mezes depois de ter publicado a sua bella edição de Camões.

O Conselheiro José Francisco Braamcamp, com seu genro Anselmo Braancamp e suas numerosas familias, estavam igualmente em Paris.

O acaso fez com que minha tia, a Condessa da Ega, hoje Condessa de Strogonoff, alli viesse passar algumas semanas, tendo eu então o gosto de a abraçar e de lhe beijar a mão, depois de dezaseis annos de separação. Mal me recordava d'ella, porque apenas tinha seis annos quando ella abandonou a patria. Apesar de ter entrado já na edade madura, era o typo da elegancia e do bom tom, o que fazia com que parecesse ainda muito bem.

Foi um grande embaraço para mim e para minha mulher este encontro. Apesar das grandes razões que teve minha tia para se separar de seu marido, o velho Conde da Ega, um acto d'estes era muito mal olhado na alta sociedade de Frância e minha mulher foi advertida por portuguezes e estrangeiros de que as relações continuas com a minha boa tia poderiam, attendendo á sua pouca edade, fazer-lhe grande transtorno na sua entrada na sociedade da Côte de França, onde minha tia era muito conhecida, por ter vivido alli muitos annos na companhia do Conde da Ega.

Percebendo ella que eu e minha mulher desejavamos evitar, quanto fosse possivel, uma entrevista, sahiu de Paris, muito desgostosa pela nossa conducta, o que muito sentimos, porque tínhamos por ella toda a consideração e respeito.

D. Francisco de Almeida fez todos os esforços para lhe explicar os embaraços em que minha mulher estava collocada, mas não conseguiu convencê-la. Foi em casa de D. Francisco de Almeida que eu tive o gosto, por varias vezes, de a encontrar.

Posso considerar tambem como fazendo parte da colonia por-

tugueza, porque muito com ella convivia e muito nos obsequiou, Monsenher Macchi, antigo Nuncio em Portugal e, por aquella occasião, Nuncio em Paris.

O Secretario da Legaçao, D. Francisco de Almeida, apres-
sou-se a obsequiar-nos e a fazer-nos as honras de Paris, como
muito conhecedor.

Tinhamos um excellente jantar no *Café de Paris*, novidade que muito agradou a minha mulher, porque, naquelle epoca, jantar uma senhora portugueza num café publico, numa grande sala, cujas janellas deitavam para o alegre *boulevard* dos Italianos e onde havia, talvez, sessenta pessoas de ambos os sexos em diffe-
rentes bancas, vendo o grande movimento que constantemente ha naquelle *boulevard*, era gozar um espectaculo novo para nós, cir-
cumspectos portuguezes, muito contrario aos costumes dos fidalgos da Corte de Lisboa.

Findo o jantar, fomos para o Theatro Francez, onde tinhamos uma frisa de bocca. Representava-se uma peça comica, em que entrava o famoso tragico Talma, *L'École des Vieillards*, e tive-
mos occasião de avaliar tudo quanto havia de melhor no Theatro Francez, porque todos confessam que, desde então, tem ido em decadencia. Naquelle noite representava Talma, M.^{me} Marie, Armand e Monrose, que estavam no ultimo periodo da vida artística. Eram applaudidos com o maior entusiasmo, estando completamente cheio o theatro.

Minha boa mulher, que era entusiasta pelo theatro, sentiu um grande prazer com o primeiro espectaculo que presenciou em Paris. Meu cunhado acompanhava sua irmã no entusiasmo pela excellente companhia do Theatro Francez. O meu entusiasmo não foi tão pronunciado, porque nunca tive pelos divertimentos theatraes o mesmo gosto de minha mulher, gosto que ella conservou até aos ultimos momentos da sua vida.

Antes de apresentarmos as nossas cartas de recommendação e de frequentarmos a sociedade dos nossos parentes e compatriotas, fomos seguindo o nosso curso theatral, guiados pelo nosso amigo D. Francisco de Almeida.

Apesar de termos gozado, desde a infancia, dos bellos es-
péctaculos do nosso Theatro de S. Carlos, que sempre foi con-
siderado de primeira ordem, não podemos deixar de applau-
dir o theatro italiano de Paris. A companhia era composta
do tenor Corioni e das famosas cantoras Pasta, Malibran e,

mais tarde, Santagni, De Garcia, Pellegrini e outros grandes talentos.

Os theatros comicos eram excellentes. O bem conhecido Portier, representando o *Bourgmestre de Saardam*, era applaudido diariamente. Seria enfadonho citar o grande numero de theatros e os immensos talentos que então se illustravam. A companhia tragica do Theatro Francez, principiando pelo seu primeiro actor, Talma, era então uma das maravilhas do mundo theatrical.

Á primeira entrevista que, tanto eu, como meu cunhado, tivemos com o nosso Ministro, sympathisámos logo com elle. Cheio de instrucção, amabilidade e com certa originalidade que caracterisava os velhos portuguezes do tempo, o que hoje é raro, porque os da nossa epoca são dotados de grande sensaboria, captivava a todos, e, desde logo, se promptificou, com a melhor vontade, para nos apresentar á melhor sociedade da Côte. Havia, porém, um grande obstaculo, que era achar-se Luiz XVIII no leito de morte e suspensas completamente as recepções, tanto da Côte, como do Corpo diplomatico.

Procurando os meus parentes e amigos Penafiel e Linhares, vi que todos se tinham apresentado ao Infante D. Miguel e, tanto elles como o nosso digno representante, instavam comigo para que os imitasse e me apresentasse no Hotel Maurice.

Assim o fiz, dirigindo-me aos quartos dos meus amigos, Camaristas de Sua Alteza, o Conde de Rio Maior e José de Mello, os quaes não me occultaram, apesar do ultimo ser muito miguelista, o profundo desgosto que tinham e quanto estavam vexados, pelas continuas scenas indecentes que seu augusto Amo representava, principalmente no bello Hotel em que residia e que estava sempre cheio dos mais distintos viajantes da Europa.

Emquanto estava nos quartos dos meus amigos, senti disparar alguns tiros de pistola, muito proximo, e, poucos instantes depois, vi entrar um dos primeiros creados do Hotel, pallido, dizendo que Sua Alteza estava atirando com as suas pistolas para um pateo, onde tinham grandes carneiros inglezes, e que já tinha morto dois, sendo o peor que corriam perigo de vida os creados que constantemente estavam atravessando o pateo.

O Conde sahiu precipitadamente para impedir a continuaçao de tão triste scena e voltou, pouco depois, muito triste e impressionado, dizendo mal á sua vida por ter a desgraça de estar ao

**Acabou de imprimir-se
em Julho de dois mil e sete.**

Edição n.º 1014544

**www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br**